

BESTSELLER DO NEW YORK TIMES • VENCEDOR DO PRÉMIO GOODREADS

Daisy Jones & The Six



Taylor Jenkins Reid

TOP
SEL
LER

«Como uma canção comovente, com uma letra que nos fala à alma, este livro transporta-nos para um outro tempo e lugar.»

ASSOCIATED PRESS

*Para o Bernard e a Sally Hanes,
uma história de amor sincera,
se é que isso alguma vez existiu.*

**DAISY
JONES**
A GROUPIE

1965-1972



NOTA DA AUTORA

Este livro é uma tentativa de mostrar um retrato fidedigno da ascensão ao estrelato da reconhecida banda *rock* da década de 1970 Daisy Jones & The Six, bem como das circunstâncias que conduziram à inesperada separação do grupo durante uma digressão, no dia 12 de julho de 1979, em Chicago.

Ao longo de oito anos, realizei uma série de entrevistas individuais com os músicos da banda, sem esquecer os testemunhos dos familiares, amigos e profissionais do meio que com eles privavam na época. O que se segue é uma compilação desses relatos, alguns e-mails relevantes, transcrições e letras de canções. (As letras das canções incluídas no álbum *Aurora* encontram-se no final do livro.)

Embora tenha apostado numa abordagem metódica e abrangente, sou a primeira a admitir que tal estratégia se revelou impossível. Não consegui localizar várias pessoas de interesse, umas mostraram-se mais disponíveis do que outras, e umas quantas, infelizmente, já morreram.

O livro assinala a primeira e a única vez em que os membros da banda contaram a sua história. Todavia, devo ressaltar que, por vezes — e isto aplica-se às coisas mais e menos importantes —, os relatos dos mesmos acontecimentos divergem consoante o narrador.

A verdade encontra-se muitas vezes por reclamar, algures no meio do burburinho.

Daisy Jones nasceu em 1951 e cresceu em Hollywood Hills, Los Angeles, Califórnia. Filha de Frank Jones, o famoso pintor inglês, e de Jeanne LeFevre, uma modelo francesa, Daisy ganhou notoriedade no final da década de 1960, quando era uma adolescente à solta na Sunset Strip.

ELAINE CHANG (*biógrafa e autora de Daisy Jones: Flor Rebelde*): Para mim, eis o que era tão fascinante na Daisy Jones ainda antes de ela se transformar na «Daisy Jones».

Tens esta miúda branca e rica a crescer em Los Angeles. É linda, desde criança. Tem aqueles incríveis e enormes olhos azuis... um azul-cobalto, escuro. Uma das histórias mais curiosas aconteceu nos anos 80, quando uma empresa de lentes de contacto criou uma cor a que chamou Azul Daisy. O cabelo dela é ruivo, farto, ondulado... uma autêntica juba. E as maçãs do rosto quase parecem inchadas de tão definidas. E ela tem esta voz incrível que lhe é natural. Nunca teve uma aula de canto. Nasceu com todo o dinheiro do mundo, com tudo à disposição: artistas, drogas, discotecas. Tudo o que quisesse, quando quisesse.

Mas ela não tem ninguém. Não tem irmãos, nenhuma família em Los Angeles além dos pais, que vivem tão focados em si próprios que se mostram quase indiferentes à existência da Daisy. Claro que isso nunca os impediu de porem a filha a posar para os amigos artistas: é essa a razão pela qual existem tantos retratos e fotografias dela em criança. Os artistas que iam lá a casa encontravam a Daisy, percebiam como ela era extraordinária e queriam captar a sua essência. O facto de não existir um retrato da Daisy pintado pelo Frank Jones é bastante revelador. O pai estava sempre demasiado ocupado com os seus nus masculinos para dedicar atenção à filha e, de uma forma geral, a Daisy passa a infância sozinha.

Mas ela é uma miúda que gosta de conviver. Pedia frequentemente para cortar o cabelo, porque adorava a sua cabeleireira. Pedia aos vizinhos que a deixassem passear-lhes os cães, e há até uma história de ela ter tentado fazer um bolo de aniversário para o carteiro. Esta é, portanto, uma rapariga que deseja desesperadamente criar ligações com os outros. Mas não tem ninguém realmente interessado em descobrir quem ela é, muito menos os pais, e isso parte-lhe o coração. Mas é também o que faz com que cresça e se torne um ícone.

Adoramos pessoas bonitas e destroçadas. E dificilmente encontramos alguém tão *obviamente* destroçada e tão bela, no sentido clássico das coisas belas, como a Daisy Jones.

Por isso, faz sentido que a Daisy acabasse por dar consigo na Sunset Strip, esse lugar glamoroso e sórdido.

DAISY JONES (*vocalista dos Daisy Jones & The Six*): Eu podia ir a pé até à Strip. Tinha 14 anos, estava farta de estar em casa e só queria arranjar alguma coisa com que me entreter. Não tinha idade para entrar nos bares e nas discotecas, mas aventurava-me na mesma.

Lembro-me de cravar um cigarro a um *roadie* dos Byrds. Era muito novinha. Aprendi rapidamente que as pessoas pensavam que eras mais velha se não usasses soutien. Volta e meia, punha uma bandana na cabeça, como as miúdas fixes. Queria muito fazer parte dos grupos de *groupies* que andavam pelos passeios a fumar charros, a beber e tudo isso.

Cravei o cigarro a este *roadie* à porta do Whisky a Go Go. Foi a primeira vez que fumei, mas fingi que era batida naquilo. Aguentei a vontade de tossir e pus-me a namoriscar com ele o melhor que sabia. Fico envergonhada quando penso nisso, porque imagino a figura que devo ter feito.

A dada altura, aparece outro tipo e diz ao *roadie*: «Temos de preparar os amplificadores.» O *roadie* vira-se para mim e pergunta: «Vens?» Foi assim que entrei no Whisky pela primeira vez.

Nessa noite, saí até às três ou quatro da manhã. Nunca tinha feito nada parecido. De repente, foi como se *existisse*, como se fizesse parte de alguma coisa. Fui dos zero aos cem nessa noite. Bebi e fumei tudo o que me deram.

Quando cheguei a casa, entrei pela porta da frente, completamente bêbeda e pedrada, e aterrei na cama. Tenho a certeza de que os meus pais nem sequer repararam que eu tinha saído.

Na noite seguinte, levantei-me e fiz a mesma coisa.

Aos poucos, tornei-me conhecida dos porteiros da Strip e nunca mais tive problemas em entrar onde quisesse. No Whisky, no London Fog, no Riot House. Ninguém queria saber da minha idade.

GREG MCGUINNESS (*antigo rececionista do Continental Hyatt House*): Não me perguntes há quanto tempo a Daisy andava pelo Hyatt antes de eu reparar nela, mas lembro-me da primeira vez que a vi. Estava ao telefone e vejo entrar esta miúda incrivelmente alta e magra, com franja. E uns olhos azuis gigantes e redondos que não dava para acreditar. Além disso, ela tinha aquele sorriso, um sorriso que lhe enchia a cara. Entrou agarrada a um tipo qualquer, não me lembro quem.

Havia muitas miúdas novinhas na Strip, claro, mas todas tentavam parecer mais velhas. A Daisy era como era. Não tentava ser outra coisa, exceto ela própria.

Depois disso, comecei a reparar que passava muito tempo no hotel. Estava sempre a rir-se. Não havia nada de gasto nela, pelo menos naquele tempo. Para mim, era como observar o Bambi a dar os primeiros passos. A Daisy era realmente ingénua e vulnerável, mas percebia-se que havia ali qualquer coisa que a tornava diferente da manada.

Para ser franco, tinha medo do que lhe pudesse acontecer. Havia muitos homens por ali que... gostavam delas novinhas. Estrelas de *rock* de 30 e muitos anos que dormiam com miúdas adolescentes. Não digo que era uma coisa decente, mas era o que acontecia. Que idade tinha a Lori Mattix quando namorava com o Jimmy Page? Catorze? E o Iggy Pop e a Sable Starr? O tipo cantou acerca disso. Como que a gabar-se, digo eu.

No que diz respeito à Daisy... bem, andavam todos de olho nela: vocalistas, guitarristas, *roadies*. Quando nos cruzávamos, tentava garantir que ela estava bem. Fazia isso de vez em quando. Gostava bastante dela. A Daisy era muito mais fixe do que tudo o que estivesse a acontecer à sua volta.

DAISY: Descobri o amor e o sexo da pior maneira. Os homens levam o que querem e não olham para trás. Algumas pessoas apenas querem um bocado de ti.

Acredito que havia algumas raparigas — as Plaster Casters¹, algumas das GTOs² —, que não eram vítimas das circunstâncias. Não sei. Enfim, sei que as coisas não foram fáceis para mim, de início.

Perdi a virgindade com alguém que... bem, não interessa com quem. Ele era mais velho, baterista. Estávamos no átrio do Riot House e ele convidou-me para snifarmos umas linhas de coca no quarto. Disse-me que eu era a rapariga dos seus sonhos.

Senti-me atraída pelo tipo porque ele me desejava. Queria alguém que me considerasse especial. Desejava desesperadamente ser o alvo do interesse de alguém, acho eu.

Quando dei por mim, estávamos na cama. Perguntou-me se sabia o que estava a fazer. Respondi que sim, embora fosse mentira. Mas toda a gente falava do amor livre e de como o sexo era uma coisa boa. Se fosses fixe e estivesse na onda, gostavas de sexo.

Fiquei o tempo todo a olhar para o teto, à espera de que ele terminasse. Sabia que devia mexer-me ou assim, mas fiquei quieta, demasiado apavorada para mexer um dedo. Só ouvia o som da fricção das nossas roupas contra a colcha da cama.

Não fazia ideia do que estava a fazer, nem porque fazia algo que sabia que não queria. Mas passei por muitas sessões de terapia desde então — e foram realmente muitas —, e agora percebo. Vejo tudo nitidamente. Queria estar com aqueles homens, aquelas estrelas, porque não conhecia outra forma de me sentir importante. Parti do princípio de que tinha de lhes agradar, se queria permanecer naquele mundo.

Quando ele terminou, levantou-se, e eu puxei o vestido para baixo. «Podes voltar para o pé dos teus amigos, se quiseres», disse ele.

¹ Referência a Cynthia Albritton, mais conhecida por Cynthia «Plaster Caster», artista americana e autointitulada «*groupie* em recuperação» que ganhou notoriedade ao criar moldes de gesso dos pénis eretos de músicos de *rock* famosos. [N. T.]

² The GTOs, grupo feminino oriundo de Los Angeles, concretamente da cena musical da Sunset Strip. Com uma carreira que durou apenas dois anos (1968–1970), o grupo gravou um único álbum, *Permanent Damage*, produzido por Frank Zappa. [N. T.]

Na verdade, eu não tinha amigos, mas sabia o que ele estava a dizer. Queria despachar-me. E fui-me embora.

Nunca mais trocámos uma palavra.

SIMONE JACKSON (*estrela de disco*): Lembro-me de ver a Daisy na pista de dança do Whisky. Toda a gente reparava na Daisy, escusado será dizer. Os teus olhos iam direitinhos ao seu encontro. Se o mundo era de prata, a Daisy era ouro.

DAISY: A Simone tornou-se a minha melhor amiga.

SIMONE: Eu levava a Daisy para todo o lado. Nunca tive uma irmã.

Lembro-me de uma ocasião... isto aconteceu durante os tumultos na Strip, quando fomos protestar contra o recolher obrigatório e a polícia junto ao Pandora. Eu e a Daisy fomos até lá marcar presença, protestámos, juntámo-nos a alguns atores e acabámos numa festa no Barney's Beanery. Depois fomos para casa de alguém. A Daisy desmaiou no pátio. Não voltámos para casa e ficámos até à tarde do dia seguinte. Ela tinha uns 15 anos; eu, 19. Passei o tempo a pensar: *Além de mim, não há ninguém que se importe com esta miúda?*

Ah, e toda a gente tomava *speed*. Até a Daisy, que era tão nova. Enfim, se querias ser magra e querias aguentar noites inteiras acordada, tinhas de tomar alguma coisa. Quase sempre *bennies* ou *black beauties*³.

DAISY: Os comprimidos dietéticos eram uma escolha óbvia. Nem parecia uma escolha, aliás. De início, uma pessoa nem parecia que estava em alta-rotação. Também consumíamos coca, claro. Se alguém tinha uns gramas, snifavas umas linhas. Ninguém encarava isso como um vício. As coisas não eram assim.

³ Ambos os termos se referem a drogas à base de anfetaminas. A benzedrina, popularmente conhecida como *bennie*, era um medicamento à base de sulfato de anfetamina usado para tratar vários problemas de saúde entre as décadas de 1930 e de 1970. *Black beauties* eram estimulantes comercializados em comprimidos ou cápsulas de cor escura. [N. T.]

SIMONE: O meu produtor arranjou-me uma casa em Laurel Canyon. Queria dormir comigo. Disse-lhe que isso nunca iria acontecer, mas ele não desistiu da casa e eu pus a Daisy a viver comigo.

Partilhámos a mesma cama durante seis meses. Posso ser a primeira a garantir que a rapariga nunca dormia. Eram quatro da manhã e eu queria dormir, mas a Daisy pedia-me para não apagar a luz porque queria ler.

DAISY: Sofri de insónias durante muito tempo, mesmo quando era criança. Ficava acordada até às onze da noite, a dizer que não estava cansada, e os meus pais gritavam comigo porque eram «horas de dormir». Claro que a noite já ia longa e andava à procura de coisas que pudesse fazer em silêncio. A minha mãe tinha uma série de livros espalhados pela casa. Os meus pais podiam estar a dar uma festa às duas da manhã e não imaginavam que eu estava sentada na cama com o candeeiro aceso, a ler o *Doutor Jivago* ou o *Peyton Place*.

A leitura tornou-se um vício. Lia tudo o que apanhava... livros de mistério, policiais, ficção científica. Qualquer coisa servia.

Quando fui morar com a Simone, encontrei uma caixa com biografias históricas à beira da estrada, em Beachwood Canyon. Li todos os volumes em menos de nada.

SIMONE: Digo-te, foi por causa da Daisy que comecei a dormir com uma máscara a tapar os olhos. [*Risos*] Mas depois continuei a usá-las porque ficava chique.

DAISY: Eu vivia com a Simone há duas semanas quando voltei a casa para ir buscar mais roupas.

O meu pai disse-me: «Foste tu que partiste a cafeteira esta manhã?»
Respondi-lhe: «Pai, eu já não vivo aqui.»

SIMONE: Disse à Daisy que ela só podia viver comigo se continuasse a estudar. Foi uma das condições.

DAISY: O liceu não foi fácil para mim. Sabia que tinha de fazer o que me mandavam, se quisesse ter boas notas. Mas também sabia que muito

do que me diziam eram tretas. Lembro-me de que um dia tive de escrever um trabalho sobre Colombo e a descoberta da América, e escrevi que o homem não tinha descoberto nada, porque a verdade é essa. Não preciso de dizer que tive má nota.

«Mas eu tenho razão», disse à professora.

«Sim, mas não fizeste o que foi pedido», respondeu ela.

SIMONE: A Daisy era uma miúda brilhante, mas os professores não eram capazes de perceber isso.

DAISY: As pessoas dizem que não terminei o liceu, mas é mentira. Quando atravessei aquele palco para receber o meu diploma, a Simone estava lá para me apoiar. Ela estava tão orgulhosa de mim, e eu também me senti orgulhosa. Nessa noite, peguei no diploma e dobrei-o. Depois usei-o como marcador de livro no meu exemplar de *O Vale das Bonecas*.

SIMONE: Quando o meu primeiro álbum se revelou um desastre de vendas, a editora anulou-me o contrato e o meu produtor correu conosco. Arranjei um emprego a servir às mesas e fui viver com o meu primo, em Leimert Park. A Daisy teve de voltar para casa dos pais.

DAISY: Limitei-me a tirar as tralhas da casa da Simone, meti-me no carro e fui direita aos meus pais. Quando lá cheguei, a minha mãe estava a falar ao telefone e a fumar um cigarro.

«Olá, estou de volta», disse-lhe.

Ela olhou para mim e respondeu: «Temos um sofá novo», e continuou a falar ao telefone.

SIMONE: A beleza da Daisy vem do lado da mãe. A Jeanne era deslumbrante. Estive com ela algumas vezes. Olhos grandes, lábios cheios. Era uma mulher muito sensual. As pessoas diziam que a Daisy tinha a cara da mãe. As duas eram realmente parecidas, mas não podias dizer isso à Daisy.

«A tua mãe é linda», comentei uma vez.

E ela respondeu: «Sim, linda e nada mais.»

DAISY: Quando fomos corridas da casa da Simone, percebi que não podia viver à conta das outras pessoas. Tinha 17 anos, acho eu, e foi a primeira vez que me interroguei sobre o que pretendia da vida.

SIMONE: Às vezes, a Daisy ficava em minha casa. Estava a tomar banho ou a lavar a loiça e punha-se a cantar coisas da Janis Joplin ou do Johnny Cash. Adorava cantar o tema *Mercedes Benz*, por exemplo, e cantava aquilo melhor do que ninguém. Eu andava à caça de outro contrato discográfico, a ter aulas de canto, a esforçar-me... e aquilo era tão natural para a Daisy. Queria odiá-la por isso. Mas não é fácil odiar a Daisy.

DAISY: Tenho uma recordação que me é muito querida... vínhamos as duas a descer a La Cienega Boulevard, provavelmente no meu *BMW*. Mais tarde, construíram ali aquele centro comercial, mas na altura ainda existiam os estúdios Record Plant. Não sei se íamos comer uma sanduiche ao Jan's, mas vínhamos a ouvir o álbum *Tapestry*, da Carole King. Sei que quando chegou a vez de *You've Got a Friend*, começámos a cantar em dueto. Eu estava mesmo a prestar atenção à letra, a sentir as palavras. É uma canção que sempre me fez sentir grata por ter a Simone na minha vida.

Há esta paz que te invade quando sabes que tens alguém que faria tudo por ti, e por quem farias tudo. A Simone foi a primeira pessoa por quem senti isso. Enquanto ouvíamos a canção, vieram-me as lágrimas aos olhos. Virei-me para a Simone, porque queria partilhar o que sentia, mas ela limitou-se a acenar com a cabeça e disse: «Eu também.»

SIMONE: Para mim, tornou-se uma missão fazer com que a Daisy aproveitasse o potencial da sua voz. Mas ela nunca fazia nada que não quisesse. Por essa altura, era já muito senhora do seu nariz. Quando a conheci, a Daisy era ainda um bocadinho ingénua [risos]. Mas digamos que lá acabou por abrir a pestana.

DAISY: Andava enrolada com uns quantos tipos. Um deles era o Wyatt Stone, dos Breeze. O que sentia por ele não era o mesmo que ele sentia por mim. Uma noite, estávamos a fumar um charro no telhado do apartamento dele, em Santa Monica.

«Amo-te tanto», disse ele, «e não percebo porque é que não me amas».

«Amo-te tanto quanto estou disposta a amar alguém», respondi. O que era verdade. Naquela altura, não queria mostrar-me vulnerável às mãos de ninguém. Tinha tido a minha conta de me sentir assim em miúda, e não tencionava repetir a dose.

Nessa mesma noite, o Wyatt foi-se deitar e eu não conseguia dormir. Encontrei um pedaço de papel com uma canção que ele tinha escrito, e percebi que era sobre mim. Os versos falavam de uma rapariga ruiva, e até mencionava os brincos de argola que eu usava sempre.

No refrão, o Wyatt dizia que eu tinha um coração enorme, mas nenhum amor lá dentro. Fiquei a olhar para as palavras e a pensar que *aquilo não era verdade*, que ele nunca me compreendeu. Fui buscar um papel e uma caneta e escrevi umas ideias minhas.

Quando ele acordou, disse-lhe: «Sabes, o teu refrão devia ser antes assim... “Olhos grandes / alma grande / coração enorme / Mas nenhum controlo / Tudo o que ela tem para dar é um amor pequeno”.»

O Wyatt pegou imediatamente num papel e numa caneta.

«Importas-te de repetir?», disse.

«É só uma ideia», respondi. «Não vou escrever a porcaria da tua canção por ti.»

SIMONE: *Amor Pequeno* foi o maior êxito dos Breeze, e o Wyatt assumiu o crédito pela canção inteira.

WYATT STONE (*vocalista dos Breeze*): Porque é que queres que fale disto? Foi há tanto tempo. Alguém se lembra desta história?

DAISY: Começava a ser um padrão. Uma vez, estava no Barney's Beanery a tomar o pequeno-almoço com um tipo que era argumentista e realizador. Nessa altura, tinha a mania de acompanhar o pequeno-almoço com champanhe, mas estava demasiado cansada porque andava a dormir pouco. Eu precisava era de um bom café. Claro que não podia pedir *apenas* o café porque também estava demasiado acelerada dos comprimidos. E não podia beber só o champanhe porque caía para o lado. Acho que estás a ver o dilema. Como tal, pedi as duas

coisas. Nos sítios onde os empregados me conheciam, pedia-lhes para me trazerem um «acima e abaixo». Uma coisa para abrir a pestana e outra para me acalmar. Ora, o tipo que estava comigo achou aquilo hilariante e disse-me: «Um dia, hei de usar isto em alguma coisa minha.» Anotou a ideia num guardanapo e guardou-o, e eu fiquei a pensar: *Quem é que te disse que eu não tenciono fazer o mesmo?* Claro que esta minha extravagância foi incluída no filme que o gajo fez a seguir.

Era o que acontecia. Parecia que andava ali para inspirar os outros.

Bem, isso que se lixasse.

Foi por isso que comecei a escrever as minhas cenas.

SIMONE: Fui a única que encorajou a Daisy a aproveitar o seu talento. Toda a gente estava mais interessada em aproveitar-se dela.

DAISY: Eu não tinha interesse nenhum em ser a musa de alguém.

Não sou uma musa.

Sou esse alguém.

Ponto final.

**A ASCENSÃO
DOS THE
SIX**

1966–1972



Originários de Pittsburgh, Pennsylvania, os The Six começaram a carreira em meados da década de 1960 como uma banda de blues e rock chamada Dunne Brothers. Billy e Graham Dunne foram criados pela mãe, Marlene Dunne, depois de o pai, William Dunne Sr., os abandonar em 1954.

BILLY DUNNE (*vocalista dos The Six*): Eu tinha 7 anos quando o meu pai se foi embora, o Graham tinha 5. Uma das minhas primeiras recordações é precisamente essa, quando ele nos disse que se ia mudar para a Geórgia. Perguntei-lhe se podia levar-me. Disse-me que não.

Ele deixou para trás uma velha *Silvertone*, e eu e o Graham passávamos a vida à luta por causa do raio da guitarra. Não fazíamos outra coisa a não ser tocá-la. Ninguém nos ensinou. Aprendemos tudo sozinhos.

Quando já era mais velho, as aulas acabavam e eu ficava na escola. Ia para a sala de música e punha-me a tocar piano.

A dada altura, eu devia ter uns 15 anos, a minha mãe juntou algum dinheiro e ofereceu-nos uma *Stratocaster* pelo Natal. O Graham ficou maluco. Deixei-o ficar com a *Strat* e eu fiquei com a *Silvertone*.

GRAHAM DUNNE (*guitarrista dos The Six*): A partir do momento em que cada um tinha a sua guitarra, começámos a escrever canções. A verdade é que eu preferia ter ficado com a *Silvertone*, mas sabia que a guitarra do meu pai era mais importante para o Billy. Foi por isso que fiquei com a *Strat*.

BILLY: E foi quando as coisas começaram a acontecer.

GRAHAM: O Billy dedicou-se realmente à composição. Dava uma atenção especial às letras e passava o tempo a gabar o Bob Dylan. Eu preferia

o Roy Orbison. Acho que tínhamos estrelas à frente dos olhos. Queríamos ser os Beatles. Mas todos queriam ser os Beatles. Queria ser os Beatles, e depois querias ser os Stones.

BILLY: As minhas grandes referências eram o Dylan e o Lennon. O *The Freewhelin'* e o *Hard Day's Night*... Esses discos eram... Aqueles dois homens eram os meus guias.

Em 1967, já a caminho dos 20 anos, os irmãos juntaram-se ao baterista Warren Rhodes, ao baixista Pete Loving e ao guitarrista Chuck Williams.

WARREN RHODES (*baterista dos The Six*): Um baterista precisa de uma banda. Não somos como os guitarristas e os vocalistas, não podemos atuar sozinhos. Nenhuma rapariga te diz: «Oh, Warren, toca-me o ritmo de *Hey Joe*.»

E eu queria fazer parte da cena. Ouvia os The Who, os Kinks, os Yardbirds... bandas como essas. Queria ser o Keith Moon, o Ringo e o Mitch Mitchell.

BILLY: Gostámos logo do Warren, desde o início. E o Pete foi uma escolha natural. Foi nosso colega de escola e tocava baixo na banda que atuou no nosso baile de finalistas. Quando a banda de que ele fazia parte acabou, disse-lhe para se juntar a nós. O Pete era um tipo descontraído, só queria mesmo tocar.

Depois foi a vez do Chuck. Era uns anos mais velho e vivia noutra cidade, mas o Pete conhecia-o e garantiu-nos que era o homem certo. O Chuck tinha um ar enxuto, queixo quadrado, cabelo louro e tudo o mais. Convidámo-lo para uma audição e percebemos que era melhor do que eu na guitarra rítmica.

Eu queria cantar, e agora que éramos uma banda de cinco elementos, podia fazê-lo.

GRAHAM: Melhorámos muito, e depressa. Quero dizer, também não fazíamos outra coisa. Passávamos a vida a ensaiar.

WARREN: Os dias eram todos iguais. Acordava, pegava nas baquetas e ia direito para a garagem do Billy e do Graham. Se fosse para a cama com os polegares a sangrar, era sinal de que o dia tinha sido produtivo.

GRAHAM: Quer dizer, que outra coisa haveríamos de fazer com o nosso tempo? O Billy era o único que tinha namoradas. As miúdas andavam sempre atrás do Billy. A dada altura, parecia que ele tinha uma paixoneta nova todas as semanas. O meu irmão sempre foi assim.

Na escola primária, chegou a convidar a professora para sair. A minha mãe dizia que ele nasceu mulherengo, e que isso seria a sua ruína.

WARREN: Tocávamos em festas privadas e em alguns bares. Fizemos isso durante uns seis meses, talvez mais. Pagavam-nos com cerveja. O que não era muito mau, quando não tinhas idade para a comprar.

GRAHAM: Escusado será dizer que não tocávamos nos sítios mais *recomendáveis*. Volta e meia, rebentava uma cena de pancadaria e tinhas de ter cuidado para não seres apanhado na confusão. Uma noite, estávamos a tocar numa espelunca qualquer e há um tipo junto à boca do palco que começa a desatinar com toda a gente. Começam a voar os primeiros socos e eu estou no meu canto, a tocar os meus *riffs*. Ergo o olhar e vejo que ele vem direito a mim.

Depois acontece tudo muito rápido. Bum! O gajo está no chão. O Billy tinha-o arrumado.

Lembro-me de um episódio idêntico, éramos nós miúdos. Ia a caminho da loja dos trezentos e um puto tentou roubar-me as moedas. O Billy correu em meu auxílio e deu cabo dele num abrir e fechar de olhos.

WARREN: Ninguém podia falar mal do Graham à frente do Billy. E a verdade é que o Graham não era grande espingarda quando começámos. Houve uma vez em que eu e o Pete dissemos ao Billy: «Se calhar, devíamos pensar em substituir o teu irmão», e o Billy respondeu: «Voltam a dizer isso e quem vos substitui somos nós.» [*Risos*] Sinceramente, achei piada. *Bem, deixa-me estar calado*, pensei. Nunca me incomodou que eles se considerassem os donos da banda. Gostava de olhar para mim como um baterista contratado. Só queria divertir-me e tocar numa boa banda.

GRAHAM: Continuámos a dar concertos e ganhámos alguma fama local. As pessoas da cidade sabiam quem éramos. O Billy começava a dominar o papel de vocalista. Tinha o visual a combinar, sabes? Todos nós. Deixámos crescer o cabelo.

BILLY: Eu só vestia calças de ganga. E desenvolvi um fascínio por cintos com fivelas gigantes.

WARREN: O Graham e o Pete usavam umas t-shirts justíssimas. «Meus, consigo ver os vossos mamilos», dizia-lhes. Eles riam-se e achavam que aquilo tinha pinta.

BILLY: Fomos contratados para tocar num casamento. Uma cena do caraças, porque num casamento tocas para umas cem pessoas, ou coisa que o valha. Tinha uns 19 anos.

Na audição para os noivos, tocámos a nossa melhor canção. Um tema mais lento que eu tinha escrito, com um toque de *folk*, a que chamei *Nunca Mais*. Fico envergonhado só de pensar no raio da canção. Mas na altura andava a escrever sobre os Nove de Catonsville⁴ e cenas do género. Achava-me o novo Dylan. Seja como for, fomos contratados.

Mais ou menos a meio da atuação, reparei num tipo de 50 e muitos anos que dançava com uma rapariga que não teria mais de 20. *Velho nojento, tens noção da tua figura?*, pensei.

Foi quando percebi que era o meu pai.

GRAHAM: O nosso pai estava com uma rapariga da nossa idade. Apercebi-me primeiro do que o Billy, acho eu. Reconheci-o das fotografias que a nossa mãe guardava numa caixa de sapatos, debaixo da cama.

⁴ Grupo de nove ativistas católicos (incluindo dois padres) que em 1968 invadiu as instalações do serviço de recrutamento militar de Catonsville, Maryland. Os ativistas roubaram centenas de fichas de recrutamento que queimaram publicamente num gesto de protesto contra a Guerra do Vietname. Os nove ativistas foram presos no local e, mais tarde, julgados e condenados por destruição de propriedade do governo dos Estados Unidos. [N. T.]

BILLY: Nem queria acreditar nos meus olhos. O homem tinha saído de casa há dez anos e pensávamos que estava na Geórgia. Mas o cretino estava ali, no meio da pista de dança, sem fazer ideia de que os filhos estavam a tocar no palco. Não nos reconheceu. Caras, vozes, nada.

Quando acabámos de tocar, o nosso pai limitou-se a abandonar a pista. Nem sequer olhou para trás. É caso para perguntar: que espécie de sociopata tens de ser, para nem sequer reparares que tens os teus dois filhos à frente dos olhos? Como é que é possível?

Pela minha experiência, o fator biológico fala mais alto. Olhas para aquela criança e sabes que é tua, e passas a amá-la. É assim que funciona.

GRAHAM: O Billy fez algumas perguntas aos convidados e ficámos a saber que o nosso pai vivia numa cidade vizinha. Era amigo da família da noiva, ou algo do género. O Billy espumava de raiva. «Nem nos reconheceu», repetia. Acredito que o nosso pai nos reconheceu, mas não soube lidar com a situação.

BILLY: Uma coisa destas dá-te a volta à cabeça. Tens um pai que nem se dá ao trabalho de te cumprimentar? Não fiquei com pena de mim nem nada do género. Não fiquei ali a interrogar-me porque é que o meu pai não me amava. Foi do tipo... *Ah, muito bem, eis um bom exemplo de como o mundo pode ser uma merda. Alguns pais não amam os filhos.*

Foi uma boa lição sobre como não deves ser. É isso que penso sobre o assunto.

GRAHAM: Ainda por cima, fiquei com a impressão de que o homem era um bêbedo cretino. Que se pusesse a milhas.

BILLY: Terminada a festa, estávamos a arrumar o material e, nessa altura, eu já tinha bebido demasiadas cervejas. De repente, vejo uma rapariga a trabalhar no bar do hotel. [*Sorri*] Uma rapariga linda de cabelos castanhos compridos, quase pela cintura, e com olhos enormes, também castanhos. Tenho um fraquinho por olhos castanhos. Lembro-me de que ela usava um vestidinho azul. Não era muito alta, e isso agradava-me.

Eu estava a atravessar o átrio, de saída para a carrinha, e ela no bar, a atender um cliente. Bastou-me um olhar e percebi imediatamente que era daquelas mulheres que não aturavam merdas de ninguém.

CAMILA DUNNE (*mulher de Billy Dunne*): Oh, como ele era bonito... Magro, mas musculado. O meu tipo de homem. Tinha pestanas grossas, um sorriso enorme e confiança para dar e vender. Quando o vi no átrio, lembro-me de pensar: *Porque é que não consigo arranjar um homem daqueles?*

BILLY: Fui ao encontro dela. Amplificador numa mão e a guitarra na outra. Disse-lhe: «Dás-me o teu número de telefone?»

A Camila estava junto à caixa registadora, a mão apoiada na anca. Lançou-me um olhar de soslaio e riu-se. Não me lembro das palavras exatas, mas respondeu-me qualquer coisa como: «E se não fores aquilo que procuro?»

Debrucei-me sobre o balcão e disse: «Chamo-me Billy Dunne. Sou o vocalista dos Dunne Brothers. Se me deres o teu número, escrevo uma canção sobre ti.»

Isto tocou-lhe nas teclas certas. Não resultava com todas as mulheres, mas costumava agradar às melhores.

CAMILA: Fui para casa e disse à minha mãe que tinha conhecido alguém. «É bom rapaz?», perguntou-me ela.

«Não sei», respondi. [*Risos*] Os bons nunca me entusiasmaram por aí além.

Durante o verão e o outono de 1969, os Dunne Brothers começaram a dar mais concertos em Pittsburgh e em cidades vizinhas.

GRAHAM: Quando a Camila começou a andar connosco, pensei que aquilo não ia durar. Devia ter percebido que a Camila era diferente. Quando a conheci, e isto aconteceu num concerto a que ela assistiu, trazia vestida uma t-shirt do Tommy James. Aquilo era uma miúda que sabia o que era boa música.

WARREN: Começávamos a safar-nos com as mulheres, meu. E o Billy decidiu arrumar as botas. Podíamos estar num sítio qualquer, rodeados de miúdas, e ele sentado sozinho a um canto, a fumar um charro e a beber uma cerveja.

Uma vez, saí do quarto de uma miúda, ainda a apertar as calças. O Billy estava sentado no sofá a ver o Dick Cavett. Disse-lhe: «Meu, tens de largar essa namorada.» Quer dizer, todos gostávamos da Camila. Era bastante jeitosa e não tinha medo de dizer o que pensava, coisa que eu valorizava. Mas... vá lá.

BILLY: Não foi a primeira vez que me apaixonei. Mas com a Camila foi diferente. Ela... fez com que o mundo passasse a fazer sentido. Até comecei a gostar mais de mim.

A Camila vinha assistir aos ensaios, ouvia as minhas canções novas e dava a sua opinião. E havia uma tranquilidade que irradiava dela... nunca conheci ninguém assim. Sabia que ficaria tudo bem, desde que estivesse com ela. Era como seguir a Estrela do Norte.

Acho que a Camila nasceu feliz. Não chegou ao mundo com o ran-cor que alguns de nós carregam. Eu costumava dizer que nasci destroçado. A Camila nasceu inteira. Foi daí que veio a letra da canção *Nascer Destroçado*.

CAMILA: Estava nervosa quando apresentei o Billy aos meus pais. Só temos uma oportunidade de criar uma boa primeira impressão, e isso é sobretudo verdade quando falamos dos meus pais. Escolhi-lhe a roupa, meias e tudo. Obriguei-o a usar a única gravata que tinha.

Os meus pais adoraram-no, disseram-me que ele era um rapaz encantador. Mas a minha mãe também ficou apreensiva pelo facto de eu estar a depositar a minha confiança num tipo que cantava numa banda.

BILLY: O Pete era o único que parecia compreender a minha opção de ter uma namorada fixa. Uma vez, depois de um concerto, o Chuck virou-se para mim enquanto arrumávamos o material. «Diz-lhe que não és o tipo de homem capaz de ser fiel a uma única mulher. Elas costumam compreender isso.» [Risos] Não era conversa para a Camila.

WARREN: O Chuck era um gajo à maneira. Nunca se punha com florea-dos e ia sempre direito ao assunto. Por outro lado, dava a impressão de que nunca tinha uma ideia interessante para partilhar. Claro que, volta e meia, surpreendia-nos. Foi ele que me pôs a ouvir os Status Quo. Ainda gosto de os ouvir.

No dia 1 de dezembro de 1969, o Sistema de Serviço Seletivo do Exército dos Estados Unidos realizou o sorteio para determinar a ordem de recrutamento para o ano seguinte. Billy e Graham Dunne, ambos nascidos em dezembro, tinham números demasiado elevados para estarem preocupados com a hipótese de serem recrutados. Warren escapou à justa. Pete Loving ficou a meio da lista. Mas Chuck Williams, nascido a 24 de abril de 1949, recebeu o número 2 do sorteio.

GRAHAM: O Chuck foi recrutado. Lembro-me de estarmos os dois sentados à mesa da cozinha e ele a dizer-me que ia para o Vietname. Eu e o Billy só pensávamos em maneiras de o livrar disso. O Chuck disse-nos que não era nenhum covarde. Na última vez que o vi, tocámos num bar junto à universidade. Disse-lhe que ele teria o seu lugar à espera, quando regressasse.

WARREN: O Billy tocou as partes de guitarra do Chuck durante uns tempos, mas depois soubemos que o Eddie Loving [o irmão mais novo de Pete] se tinha tornado um bom guitarrista. Convidámo-lo para uma audição.

BILLY: Ninguém podia substituir o Chuck, mas começámos a ter mais concertos e eu não queria estar em palco agarrado à guitarra. Convidámos o Eddie. Era uma boa solução temporária.

EDDIE LOVING (*guitarrista dos The Six*): Dei-me bem com todos, mas percebi que o Billy e o Graham tinham uma ideia muito concreta do que queriam de mim, sabes? *Toca isto, faz aquilo.*

GRAHAM: Alguns meses depois, um dos antigos vizinhos do Chuck deu-nos a notícia.

BILLY: O Chuck tinha morrido no Camboja. Não estive lá seis meses, acho eu.

É uma daquelas coisas. Às vezes, sentas-te e perguntas-te porque é que não foste tu, o que tens de tão especial para te maneres a salvo. O mundo não faz grande sentido.

No final de 1970, os Dunne Brothers atuaram no The Pint, em Baltimore. Rick Marks, vocalista dos Winters, encontrava-se na assistência. Impressionado pela sonoridade crua, e tendo simpatizado com Billy, Rick convidou os Dunne Brothers para serem a banda de abertura em alguns concertos da digressão pelo nordeste dos Estados Unidos.

Os Dunne Brothers aceitaram o convite e depressa foram influenciados pela sonoridade dos Winters. Ficaram especialmente intrigados pela contribuição da teclista, Karen Karen.

KAREN KAREN (teclista dos *The Six*): Quando conheci os rapazes, o Graham perguntou-me o meu nome.

«Karen», respondi.

E ele diz: «Karen quê?»

Não percebi que ele estava a perguntar-me o apelido. Pensei que ele tinha ouvido mal. Então disse: «Karen!»

O Graham riu-se e disse: «Karen Karen?»

A partir desse momento, passei a ser a Karen Karen. O meu apelido é Sirko, já agora. Mas a coisa pegou.

BILLY: A Karen adicionava uma camada à música dos Winters, uma sumptuosidade. Comecei a pensar que precisávamos de algo parecido.

GRAHAM: Eu e o Billy trocámos impressões... se calhar, não precisamos de um teclista *como* a Karen. Se calhar, precisamos *da* Karen.

KAREN: Deixei os Winters porque todos os membros da banda queriam dormir comigo. Eu só queria uma carreira na música.

Também gostava muito da Camila. Às vezes, ela aparecia depois dos concertos para estar com o Billy. Eu apreciava o facto de o Billy

gostar de a ter por perto, ou estar sempre ao telefone com ela. Era um ambiente mais saudável.

CAMILA: Quando os rapazes foram em digressão com os Winters, eu aparecia nos concertos que calhavam ao fim de semana e ia ter com eles aos bastidores. Passava quatro horas a conduzir, chegava ao local — quase sempre de aspeto duvidoso, com o chão coberto de pastilhas elásticas que se colavam aos pés —, dizia o meu nome à porta e alguém me indicava o caminho para os camarins. E pronto, ali estava eu, a fazer parte de tudo aquilo.

Mal me viam, o Graham, o Eddie e os outros gritavam: «Camila!» O Billy vinha ao meu encontro e punha-me o braço por cima do ombro. Assim que a Karen se juntou ao grupo, foi como se tudo encaixasse na perfeição. *É aqui que pertenço*, pensei.

GRAHAM: A Karen Karen foi uma ótima mais-valia para a banda. Tornou tudo melhor. E era uma mulher muito bonita. Além de talentosa, claro. Lembrava-me a Ali MacGraw.

KAREN: Quando digo que os meus companheiros nos Dunne Brothers não tentavam levar-me para a cama, isso não se aplica ao Graham Dunne. No entanto, eu sabia que ele apreciava tanto o meu talento como a minha beleza, por isso não me incomodava muito. De certa maneira, era até enternecedor. E o Graham era um tipo atraente, sobretudo nos anos 70.

Nunca percebi a ideia generalizada de que o Billy era o *sex symbol* da banda. Tudo bem, ele tinha aqueles cabelos escuros, os olhos castanhos, as maçãs do rosto bem definidas, mas não gosto de homens demasiado bonitos. Prefiro-os quando têm um aspeto um bocadinho ameaçador, mas na verdade são dóceis. O Graham era assim. Ombros largos, pelos no peito, cabelo castanho-claro. Era bonito, claro, mas havia qualquer coisa de selvagem nele.

Mas admito, o Billy sabia vestir umas calças de ganga como ninguém.

BILLY: A Karen era tudo o que se quer de um músico. Ponto final. Sempre disse que não me interessa se és homem, mulher, branco, preto,

gay, hétero ou qualquer coisa no meio... se tocas bem, tocas bem. Nesse sentido, a música põe toda a gente em pé de igualdade.

KAREN: Há homens que se acham merecedores de uma medalha porque tratam as mulheres como pessoas.

WARREN: Foi por essa altura que o Billy começou a exagerar na bebida. O ambiente era animado depois dos concertos, estávamos sempre em festa, mas quando arrancávamos para os quartos com as miúdas que conhecíamos, o Billy ficava sozinho a beber, por vezes a noite inteira.

Na manhã seguinte, ele vinha ter connosco e parecia ótimo. Além do mais, nenhum de nós fazia vida de santo. Exceto o Pete, se calhar. O Pete conheceu uma rapariga em Boston, a Jenny. A partir daí, passava a vida ao telefone com ela.

GRAHAM: O Billy era daqueles que fazia tudo como se não houvesse amanhã. Era assim no amor, era assim com a bebida. Com o dinheiro era igual. Parecia que lhe queimava os bolsos. Era por isso que eu lhe dizia para ir com calma, para não se atirar de cabeça naquela relação com a Camila.

BILLY: A Camila ia connosco para a estrada, mas também ficava em casa muitas vezes. Ainda vivia com os pais e eu telefonava-lhe de onde estava.

CAMILA: Quando o Billy não tinha moedas para o telefone, ligava a cobrar no destino. Eu atendia e ele dizia: «Billy Dunne ama Camila Martinez.» E desligava antes de ser feita a cobrança. [*Risos*] A minha mãe revirava os olhos, mas eu achava aquilo amoroso.

KAREN: Umhas semanas depois de me juntar à banda, disse aos rapazes que precisávamos de um novo nome. Dunne Brothers já não fazia sentido.

EDDIE: Eu era da mesma opinião, e já o tinha dito.

BILLY: Tínhamos a nossa base de fãs. Não queria mudar um nome que era mais ou menos conhecido.

WARREN: Não conseguíamos decidir em conjunto. Alguém sugeriu Dipsticks, acho eu. Por mim, queria que nos chamássemos Shaggin'.

EDDIE: A dada altura, o Pete disse: «Nunca vamos encontrar um nome que agrade aos seis.»

E eu respondi: «E que tal The Six?»

KAREN: Recebi uma chamada de um promotor de Filadélfia, a minha cidade. Disse-me que os Winters tinham desistido de atuar num festival que iria decorrer lá e perguntou-me se queríamos substituí-los. «Claro que sim», respondi. «Mas já não somos os Dunne Brothers.»

«E qual é o nome que ponho no cartaz?», perguntou ele.

«Não faço ideia», respondi. «Mas nós os seis vamos tocar no teu festival.»

E gostei de como soava: «The Six.»

WARREN: O nome era genial. Agradava-me porque era muito parecido com The Sex. Nenhum de nós alguma vez o referiu, acho eu. Era tão óbvio que provavelmente não havia necessidade.

KAREN: Nunca pensei que o nome lembrava outra coisa.

BILLY: The Sex? Não, não tinha nada que ver isso.

GRAHAM: Era muito parecido com The Sex. Foi uma das grandes razões de o nome ter pegado.

BILLY: Tocámos nesse festival como The Six. Recebemos mais um convite para outro concerto em Filadélfia, outro em Harrisburg e mais um em Allentown. Na noite de fim de ano, convidaram-nos para tocar num bar em Hartford.

Não ganhávamos quase nada, mas eu gastava o dinheiro que tinha com a Camila, porque a levava a jantar fora sempre que estava em

casa. Íamos muitas vezes a uma pizzeria que ficava perto de casa dos pais dela. Noutras vezes, pedia algum dinheiro emprestado ao Graham ou ao Warren e escolhia um restaurante um pouco melhor. A Camila dizia-me que eu devia ter juízo. Se quisesse namorar com um tipo endinheirado, não tinha dado o número de telefone ao vocalista de uma banda de casamentos.

CAMILA: O Billy tinha um carisma irresistível. Não havia nada a fazer. O fervor, a inquietação. A maioria das minhas amigas só queria um homem que lhes comprasse um belo anel de noivado, mas eu queria alguém *fascinante*.

GRAHAM: Por volta de 71, conseguimos alguns concertos em Nova Iorque.

EDDIE: Nova Iorque... era assim que sabias que começavas a ser alguém.

GRAHAM: Uma noite, estávamos a tocar num bar na Bowery. Lá fora, a fumar um cigarro, estava um tipo chamado Rod Reyes.

ROD REYES (*empresário dos The Six*): O Billy Dunne era uma estrela de *rock*. Percebias imediatamente. Era muito seguro de si e sabia dominar uma plateia. Punha emoção em tudo o que fazia.

É uma qualidade que só algumas pessoas têm. Se pegasses em nove tipos e os alinhasses numa fila com o Mick Jagger, a seguir podias pedir a qualquer pessoa que nunca tivesse ouvido falar dos Stones para identificar qual deles era a estrela de *rock*. Todas as pessoas apontariam para o Mick e diriam: «Aquele, aquele é a estrela de *rock*.»

O Billy era assim. E a banda tinha um bom som.

BILLY: Quando o Rod veio falar connosco no final do concerto no Wreckage... esse foi o momento em que tudo mudou.

ROD: Apresentei algumas ideias assim que começámos a trabalhar. Umhas foram bem recebidas; outras, nem por isso.

GRAHAM: O Rod queria que eu reduzisse a duração dos solos para metade. Os solos agradavam a quem se interessava pelo virtuosismo de um guitarrista, explicou ele, mas eram aborrecidos para o resto da malta.

Respondi-lhe: «E por que raio havia de querer tocar para quem não se interessa por um bom trabalho de guitarra?»

«Se queres ser um dos grandes, tens de tocar para toda a gente», disse o Rod.

BILLY: O Rod sugeriu-me que deixasse de escrever acerca do que não conhecia. «Não queiras reinventar a roda», disse. «Escreve sobre a tua miúda, por exemplo.» Foi o melhor conselho que alguma vez me deram.

KAREN: O Rod disse-me para usar t-shirts mais curtas e eu respondi-lhe «Continua a sonhar» e foi o fim da conversa.

EDDIE: Ele arranjou-nos concertos por toda a Costa Leste. Da Florida ao Canadá.

WARREN: Queres saber qual é a melhor altura para estares numa banda de *rock*? As pessoas pensam que é quando atinges o auge da carreira, mas isso é quando sentes a pressão e passas a vida a gerir as expectativas dos outros. A melhor altura é quando toda a gente acredita que vais ser uma estrela, quando tudo em ti é uma promessa. Não existe sensação igual. Pura alegria.

GRAHAM: Quanto mais tempo passávamos na estrada, mais loucas as coisas ficavam. E o comportamento do Billy não era... enfim, o Billy gostava de ser o centro das atenções. Sobretudo das mulheres. Mas naquela altura era apenas isso, atenção.

BILLY: Era um equilíbrio difícil. Tinhas alguém que amavas em casa, mas andavas na estrada. As miúdas apareciam aos magotes nos bastidores, e era comigo que queriam estar. Não sabia o que esperar de uma relação.

CAMILA: Começámos a discutir, eu e o Billy. Admito que queria o impossível naquela altura. Queria namorar com uma estrela de *rock*, mas também queria o Billy disponível a qualquer hora. Ficava zangada quando ele não fazia exatamente o que eu queria. Mas éramos muito novos.

Às vezes, as coisas ficavam tão azedas que não falávamos durante dias. Um de nós ligava a pedir desculpa e voltava tudo ao normal. Amava-o e sabia que ele me amava. Não era fácil. Porém, tal como a minha mãe fazia questão de me lembrar: «Nunca tiveste interesse no que é fácil.»

GRAHAM: Uma noite, eu e o Billy estávamos a preparar-nos para arrançar para o Tennessee, ou o Kentucky ou lá onde era. A Camila veio ter connosco para se despedir. Quando o Rod chegou com a carrinha, o Billy estava a dizer-lhe adeus. Desviou-lhe o cabelo do rosto e encostou-lhe os lábios à testa. Lembro-me de que o meu irmão nem sequer a beijou, apenas deixou ficar os lábios encostados. Pensei: *Nunca gostei tanto de alguém.*

BILLY: Escrevi *Señora* para a Camila. Não esperava que se tornasse uma canção tão popular. Nos melhores concertos, as pessoas levantavam-se das cadeiras e começavam a dançar e a cantar connosco.

CAMILA: Nunca lhe disse que, em bom rigor, eu era uma *señorita*. Mas temos de escolher as batalhas, certo? Além disso, quando ouvi os versos... «Deixa-me carregar-te / nas minhas costas / a estrada é longa / e a noite escura / mas somos ambos exploradores / eu e a minha *señora* de ouro.»

Adorei. Adorei aquela canção.

BILLY: Gravámos uma maquete com dois temas: *Señora* e *Quando o Sol Te Ilumina*.

ROD: Na época — isto foi em 72 —, os meus bons contactos encontravam-se em Los Angeles. Disse aos rapazes: «Temos de nos mudar para a Costa Oeste.»

EDDIE: A Califórnia era onde as coisas aconteciam, o sítio que estava a dar.

BILLY: Pensei: *Há algo em mim que diz que tenho de fazer isto.*

WARREN: Por mim, estava já de malas aviadas. «Todos para a carrinha!», disse eu.

BILLY: Fui a casa dos pais da Camila, sentei-me na cama ao lado dela e perguntei-lhe se queria ir connosco.

«E faria o quê em Los Angeles?», disse ela.

«Não sei», respondi.

«Queres que ande atrás de ti só porque sim?», perguntou-me.

«Pelos vistos», disse-lhe.

Ela refletiu uns segundos. «Não, obrigada», disse, por fim.

Perguntei-lhe se podíamos continuar juntos, embora numa relação à distância, e a Camila perguntou-me: «Tencionas voltar?»

Tornei a dizer-lhe que não sabia o que ia acontecer.

«Nesse caso, não», rematou. E ela deixou-me.

CAMILA: Fiquei zangada por saber que ele se ia embora, e descarreguei a minha frustração. Não encontrei outra maneira de lidar com aquilo.

KAREN: A Camila ligou-me antes de iniciarmos a digressão. Disse que tinha terminado tudo com o Billy.

«Pensava que o amavas», respondi.

«Ele nem sequer tentou impedir-me», disse ela.

«Se o amas, deves dizer-lhe isso», retorqui.

Ao que ela respondeu: «Não sou eu que me vou embora! O Billy é que tinha de pensar numa solução!»

CAMILA: O amor e o orgulho são como água e azeite.

BILLY: Que mais podia fazer? A Camila não queria ir, e eu... eu não podia ficar.

GRAHAM: Fizemos as malas e despedimo-nos da nossa mãe. Por essa altura, ela tinha-se casado com o carteiro. Eu sei que o homem se chamava Dave, mas, até ao dia em que morreu, sempre me referi ao Dave como o «carteiro», porque era isso que ele era. Entregava o correio no escritório da minha mãe. Era o carteiro.

Seja como for, deixámos a nossa mãe com o carteiro e metemo-nos na carrinha.

KAREN: Tocámos uma série de vezes pelo caminho... da Pensilvânia à Califórnia.

BILLY: A Camila fez a sua escolha, e uma boa parte de mim encarou a separação como: *Tudo bem, sou um homem solteiro. Vamos lá ver se ela vai gostar disso agora.*

GRAHAM: O Billy perdeu completamente o juízo durante a viagem.

ROD: No que dizia respeito ao Billy, não eram as mulheres que me preocupavam — embora estivessem sempre presentes. O problema era o que ele fazia depois dos concertos... a bebida, as drogas. Na tarde seguinte, tinha de o acordar à bofetada. O descontrolo era total.

CAMILA: Sofri com a separação. Passava o tempo a culpar-me e acordava a chorar. Todos os dias. A minha mãe dizia-me que eu devia tentar ligar ao Billy, que devia tentar remendar a situação. Mas eu pensava que era demasiado tarde. Ele tinha-se ido embora sem mim. Tinha ido em busca dos seus sonhos. Tal como devia ser.

WARREN: Quando chegámos a LA, o Rod instalou-nos no Hyatt House.

GREG MCGUINNESS (*antigo rececionista do Continental Hyatt House*): Bem, gostava de dizer que me lembro da chegada dos The Six, mas não é o caso. Havia muita coisa a acontecer, muitas bandas. Era difícil acompanhar quem era quem. Mas lembro-me de conhecer mais tarde o Billy Dunne e o Warren Rhodes.

WARREN: O Rod começou a mexer os cordelinhos e a cobrar favores. Começámos a tocar em sítios maiores e para mais gente.

EDDIE: LA era uma loucura. Para onde quer que olhasses, estavas rodeado de pessoas que adoravam música, que gostavam de uma boa farra. *Porque é que não viemos mais cedo?*, pensei eu. As mulheres eram lindas. As drogas eram baratas.

BILLY: Demos alguns concertos em Hollywood. No The Whisky, no Roxy, no PJ's. Tinha acabado de escrever uma nova canção, *Longe de Ti*. Falava das saudades que tinha da Camila, do quanto me sentia longe dela.

Quando começámos a viver a verdadeira experiência da Strip, sentimos que as coisas estavam realmente a ganhar forma.

GRAHAM: Passámos a ter mais cuidado com o que vestíamos. Em LA, uma pessoa tinha de se apresentar de determinada maneira. Comecei a usar camisas desabotoadas até meio do peito. Achava que me dava uma pinta do caraças.

BILLY: Foi quando comecei a usar ganga em cima de ganga... camisa, calças. Vestia o mesmo todos os dias.

KAREN: Não me sentia confortável em palco de minissaia e botas. Gostava desse visual, mas vestia calças de ganga de cintura subida e camisolas de gola alta.

GRAHAM: A Karen ficava uma brasa com aquelas camisolas de gola alta.

ROD: Quando a banda começou a dar nas vistas, consegui-lhes um concerto no Troubadour.

GRAHAM: *Longe de Ti* era uma boa canção e percebias que tinha um significado especial para o Billy. Ele não conseguia fingir. Sabias sempre se estava a sofrer, se estava alegre. No Troubadour, olhei na direção da

Karen e ela estava completamente focada no momento, a sentir cada nota. Olhei para o Billy, que cantava com toda a alma. Pensei: *É o nosso melhor concerto até à data.*

ROD: Vi o Teddy Price na assistência. Não nos conhecíamos, mas tínhamos amigos em comum e eu sabia que ele era produtor na Runner Records. No final do espetáculo, o Teddy veio ter comigo. «O meu assistente viu o concerto dos teus rapazes no PJ's», explicou. «Estou aqui para confirmar o que ele me disse.»

BILLY: Saímos do palco e o Rod veio ter connosco acompanhado por um tipo gordo, alto, de fato completo. «Billy, apresento-te o Teddy Price.»

A primeira coisa que o Teddy disse — e ele tinha um sotaque inglês que não lembrava a ninguém — foi: «Tens um talento especial para escrever sobre essa rapariga.»

KAREN: O Billy parecia um cão à procura de dono. Percebia-se que queria agradar ao Teddy, que desesperava por um contrato discográfico. Não dava para enganar.

WARREN: O Teddy era feio como a noite. O tipo de rosto que só uma mãe ama. [Risos] Estou a exagerar, claro, mas o homem não devia nada à beleza. Eu respeitava o facto de ele não parecer importar-se nada.

KAREN: Eis a vantagem dos homens. Um rosto hediondo não te dá cabo da vida.

BILLY: Apertei-lhe a mão e ele perguntou-me se tínhamos mais canções como as que tinha ouvido. Disse-lhe que sim.

«E o que é que esperas alcançar nos próximos cinco ou dez anos?»

«Vamos ser a maior banda do mundo», respondi.

WARREN: Nessa noite, autografei o meu primeiro par de mamas. Uma rapariga veio ter comigo, abriu a blusa e disse: «Assina-me.» E eu assinei.

Acredita, são estas as recordações que guardas a vida inteira.

TODA A GENTE CONHECE OS ICÔNICOS DAISY JONES & THE SIX, MAS NUNCA NINGUÉM SOUBE O QUE LEVOU À SUA SEPARAÇÃO NO AUGE DA POPULARIDADE... ATÉ AGORA.

Durante a adolescência, no final da década de 1960, Daisy Jones descobre a noite de Los Angeles: os bares, as estrelas de rock, o sexo e as drogas. Mas o que ela quer realmente é escrever as suas próprias canções. Com uma voz rouca, uma beleza distintiva e uma atitude confiante, Daisy está no caminho certo para o sucesso.

Os The Six, a banda dos irmãos Billy e Graham Dunne, começam também a ganhar alguma notoriedade, mas o ritmo da vida na estrada, as *groupies* e o álcool levam a que Billy comece a descarrilar, tanto em palco como na sua vida pessoal.

Os caminhos de Daisy e Billy cruzam-se quando o produtor musical da banda decide juntar as duas vozes num dueto, que resulta num êxito estrondoso. A partir daí, os Daisy Jones & The Six começam a tocar em todos os gira-discos, os seus concertos esgotam os recintos e a banda torna-se uma verdadeira lenda.

Esta é a história dos primeiros tempos e das noites loucas, mas todos os membros da banda recordam o que aconteceu de maneira diferente. Porque nem sempre é fácil perceber onde acaba a música e começam os sentimentos.

**«A Daisy e a banda conquistaram o meu coração
e vão certamente conquistar o vosso também.»**

REESE WITHERSPOON

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-564-804-7



9 789895 648047

Literatura Traduzida